

# MEU LAR, MEU ALTAR: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Aline Fatima Moi (UNIOESTE)<sup>1</sup>

Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é um estudo, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso, acerca de como se formula e se constitui um discurso a respeito da posição que a mulher cristã deve ocupar em seu lar. Tem como objetivo analisar como circula um dizer sobre a posição dessa mulher na narrativa religiosa e compreender se esse contribui, de algum modo, para a perpetuação de formulações que a violentam nesse espaço doméstico. A partir da pergunta norteadora “Como se formula e se constitui um dizer sobre posição que a mulher cristã deve ocupar em seu lar?”, será realizada uma análise discursiva de uma publicação feita no Instagram pela página Meu lar Meu altar que determina algumas atitudes a serem desenvolvidas pelas mulheres em suas casas. Por meio da análise, como mostrar-se-á neste artigo, foi possível compreender que o discurso religioso determina posições inferiores à mulher e a responsabilidade integral pela família, marido, filhos e pelo lar, nomeando-a como auxiliadora e cooperadora de seu marido, abrindo margem para dizeres violentos e o para o silenciamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Religioso. Mulher. Gênero.

## MY HOME, MY ALTAR: A DISCURSIVE ANALYSIS

**ABSTRACT:** Drawing upon the theoretical framework of Discourse Analysis, this study examines the formulation and constitution of discourse regarding the role Christian women should assume within their homes. Its objective is to analyze how a discourse on the position of these women circulates within the religious narrative and determine whether it contributes, in any way, to perpetuating formulations that violate them in this domestic space. Guided by the question, “How is discourse about the position that Christian women should occupy in their homes formulated and constituted?”, a discursive analysis will be conducted on an Instagram publication by the page Meu lar Meu altar [My Home, My Altar], which outlines specific attitudes for women to develop in their homes. Through this analysis, as demonstrated in this article, it becomes evident that the religious discourse assigns women inferior positions, burdening them with full responsibility for the family, husband, children, and home, designating them as helpers and collaborators to their husbands, and allowing for the perpetuation of violent expressions and silencing.

**KEYWORDS:** Religious Discourse. Women. Gender.

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, alinemoi99@hotmail.com

2 Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, dantielligarcia@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar como se formula e se constitui um dizer a respeito da posição da mulher cristã em seu lar a partir de um manual publicado na página do Instagram Meu lar meu altar. Faz-se necessário refletir sobre como a narrativa cristã aborda essa temática e se isso tem contribuído para a manutenção da violência doméstica, uma vez que o número de feminicídios e episódios de violência contra a mulher aumentam diariamente ao passo que o número de adeptos do cristianismo também aumenta, chegando a somar mais de 80% da população brasileira.

O corpus escolhido para o estudo é uma publicação no Instagram feita pela página Meu lar meu altar em abril de 2023. A publicação é composta por um manual de instruções com o intuito de apresentar conselhos e dicas para que as mulheres transformem os seus lares em “altares”. Além dessa publicação, a página traz mentorias para mulheres cristãs a partir de postagens, vídeos, cursos e aulas online.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a Análise de Discurso pecheutiana foi mobilizada, já que essa estabelece uma relação entre língua, sujeito e história para que seja possível compreender o dito e o não dito presente nos discursos. Desse modo, utilizaremos, durante a análise, os conceitos de formação discursiva, condições de produção e memória discursiva a fim de refletir sobre os sujeitos que produziram esses dizeres, para quem eles dizem, quando e como falam.

A partir da relação entre a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, foi fundada, na década de 60, por Michel Pêcheux, a Análise de Discurso. A AD observa a língua e sua relação com a exterioridade. Sobre isso Orlandi (2013) afirma que a AD trabalha “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2013, p.16).

Os estudos discursivos não pensam na língua enquanto sistema, fechada nela mesma, mas no discurso em movimento, buscam pensar nos sentidos relacionados com as práticas dos indivíduos. Desse modo, a AD observa a interpelação da língua pelo sujeito e do sujeito pela ideologia, percebendo os sentidos funcionando como determinantes do que (não) pode e (não) deve ser dito nos enunciados. Para Orlandi (2013), “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2013, p. 17).

Somos, então, sujeitos constituídos por atravessamentos ideológicos e estes estão presentes e carregam sentidos nos dizeres que produzimos e naqueles que chegam até nós. Ao pensarmos nessa movimentação, encontramos na religião e nas manifestações de fé enunciados e formulações nutridos de significações que regem a vida, a conduta e as escolhas dos indivíduos. É nesse lugar que se encontra o corpus selecionado para esse estudo.

A religião é apresentada por Orlandi (1987) como o lugar em que o homem encontra para preencher com palavras um espaço ocupado, até então, pelo silêncio de Deus. É nesse espaço que a fala é instituída, forma-se o discurso religioso a partir da espiritualização do homem, na religião é o lugar onde ele se expressa. A autora ainda pontua que “a Religião tem um sentido, o Discurso Religioso faz sentido” (ORLANDI, 1987, p. 10).

Essa discursividade da religião estabelece um lugar de poder ocupado pela imagem de Deus, que dita comportamentos a serem adotados pelos fiéis. Assis (2017) afirma que “o discurso religioso reforça a diferença entre o plano espiritual e o plano terreno, mostrando, assim, a superioridade da Força Maior que centraliza esse tipo de discurso, no caso, a figura de Deus” (ASSIS, 2017, p. 14). Sendo assim, a autora considera que as doutrinas impostas pela religião são justificadas pela ordem divina, pelas Sagradas Escrituras, o que faz com que os fiéis aceitem e

adotem determinados comportamentos.

Levando em consideração os apontamentos anteriores, nosso intuito é analisar os efeitos de sentido produzidos pelos dizeres do manual que são atravessados pelo discurso religioso, não nos ocupamos em pensar ou questionar crenças e/ou manifestações religiosas. Na próxima seção, apresentaremos um percurso teórico sobre o discurso religioso abordando temáticas como a violência contra a mulher e as posições que os sujeitos devem ocupar a partir de sua identificação com um gênero de acordo com o cristianismo. Em seguida, apresentaremos as análises realizadas a partir do corpus selecionado para o estudo.

## AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA RELIGIÃO

O direito ao voto, a inserção no mercado de trabalho, o acesso à educação básica e de nível superior são alguns dos inúmeros direitos conquistados pelas mulheres, com muita luta, ao longo dos anos. No entanto, há um aspecto que, mesmo com todos os avanços políticos, econômicos e tecnológicos, continua estagnado: a violência doméstica contra as mulheres. Todos os dias são noticiados episódios em que mulheres são vítimas de algum tipo de agressão, seja ela física, verbal, emocional, patrimonial, entre outras.

Ao levarmos em consideração a violência contra a mulher na sociedade, e, especificamente, no meio cristão, precisamos ter como ponto de partida as definições e os estudos de gênero. Nas relações sociais, os comportamentos femininos e masculinos são postos a partir de uma perspectiva cultural. Sendo assim, o homem e a mulher são indivíduos constituídos além do biológico, de forma social e cultural.

O conceito de gênero, como instrumento de análise começou a ser evidenciado a partir da segunda onda do movimento feminista. Foi, então, na década de 1960 que as estudiosas e militantes feministas começaram a questionar as

significações que giravam em torno da palavra gênero. Nesse contexto, também foi que o debate a respeito dos papéis e das posições designadas às mulheres na sociedade começou a ganhar força, assim como os questionamentos sobre as posições hierárquicas e de poder ocupadas pelos homens.

O conceito de gênero, então, ultrapassa a questão biológica e atinge uma esfera relacional quando se entende que as posições desempenhadas por mulheres e homens na sociedade são produtos culturais. De acordo com Louro (1997), “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). Desse modo, as discussões sobre gênero focalizam no ambiente social, já que é nele em que as relações entre os indivíduos ocorrem. Louro ainda aponta que é nesse ambiente social em que as desigualdades se justificam quando diz que

as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

Desse modo, ao classificar o conceito de gênero nosso olhar retorna para o ambiente social e para as classes pré-estabelecidas para pertencimento. Para Lauretis (1994), “gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras representa um indivíduo por meio de uma classe” (LAURETIS, 1994, p. 211). Ainda para a autora, a questão de identificação de sexo-gênero está relacionada com fatores políticos e econômicos da organização das sociedades e destaca que esse conceito “é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de represen-

tação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS, 1994, p. 211).

Em nossa sociedade, a religião possui uma grande força normatizadora ao reger ética e moralmente como os sujeitos devem ou não se comportar. Desse modo, ao pensar em gênero, reproduzem-se padrões de comportamentos ditos ideais a serem seguidos por homens e mulheres. Esses padrões são associados a vontades e imposições divinas. Vilhena (2010) afirma que

formas hegemônicas de representações estão diretamente ligadas à divindade. O homem é constituído de autoridade assim como Deus o é com os sujeitos religiosos. Deus é forte, grande, todo poderoso, ciumento. Tal associação pode-se apresentar como perigosa, à medida que legitime desigualdades, crie identidades constituídas de direitos e privilégios em suas práticas, baseadas nas relações sociais de sexo (VILHENA, 2010, p. 4).

Ao estabelecer esses comportamentos e reproduzir esses discursos, a religião acaba por legitimar a desigualdade entre homens e mulheres e conceder espaço para práticas de abuso de poder e autoridade, que podem desencadear relações de violência. Quando essa posição de autoridade e poder associado a Deus é designado para a figura masculina, a mulher ocupa o lugar oposto, aquele relacionado à fragilidade e à sensibilidade. Ainda de acordo com Vilhena (2010), “um dado biológico é utilizado como instrumento de domesticação, isto é, apresenta-se ou socializa-se como função natural de uma ‘grandiosidade feminina’ a quem cabe ‘nutrir’, ‘dar calor’, ‘proteger’ ‘amparar’” (VILHENA, 2010, p. 4-5). Ao impor essa posição de submissão às mulheres, associando, muitas vezes, à figura materna e passiva de Maria (mãe de Jesus) acabam por ofuscar a própria identidade e impor uma certa responsabilidade associada ao lar e à família. Essa distorção de identidade influencia, de forma exponencial, a manutenção da violência. A autora ainda afirma que

a violência doméstica sempre é gerada numa relação de desigualdade hierarquizada que confere ao homem a condição de mando e à mulher a de submissão. Condição essa, social e historicamente construída e naturalizada, tornando-se senso comum. Alguns pressupostos religiosos são, por assim dizer, intocáveis e resistentes à moderna secularização, impondo políticas e manipulando poderes (VILHENA, 2010, p. 7).

É, portanto, estabelecida uma relação conturbada entre religião e gênero, já que na religião entende-se que existem construções sociais de comportamentos para o homem e para a mulher estabelecidos por um plano superior, por uma figura divina. Desse modo, esses posicionamentos de condutas e comportamentos são inquestionáveis pelos fiéis, pois compreendem que essas doutrinas transcendem o mundo real e são constituídas por um nível místico e espiritual. Toldy e Santos (2016) argumentam sobre como essas posições estabelecidas pela religião são inegociáveis ao afirmar que

a ideia de que o gênero é uma construção socio-cultural e política é entendida como uma forma de desvirtuar o plano original estabelecido para os sexos, o qual é considerado como sendo natural e, logo, o verdadeiro. O caráter único desse mesmo plano não admite oposição, nem tão pouco questionamento, adquirindo um estatuto de autoridade atemporal. O conceito de natureza aparece, assim, como uma forma de manter uma ordem social legitimada pelo transcendente com particular impacto sobre as mulheres (TOLDY; SANTOS, 2016, p. 44).

Essas narrativas a respeito de papéis de gênero reproduzidos no meio religioso cristão refletem diretamente sobre as mulheres. As imposições feitas pela religião sobre quais as posições devem ser seguidas na sociedade pelos homens e, principalmente, pelas mulheres são, em sua maioria, violentas e doutrinárias. Quando é definido o lugar de superior, líder e autoridade ao homem e o lugar de submissa, obediente e fiel à mulher, o lar passa a ser um ambiente hierárqui-

co e o marido assume o papel principal detentor do poder baseando suas atitudes no direito à autoridade e cobrando da mulher a obediência que vem associada à submissão. Além disso, a imposição dessas condutas morais acaba por serem aceitas e inquestionáveis, uma vez que a religião ocupa lugar de tamanha influência na vida dos fiéis. Então tudo se reproduz e os índices de violência se acentuam, infelizmente, a cada dia.

## **A posição (não) ocupada pelas mulheres**

Nesta subseção, apresentaremos as análises realizadas das sequências discursivas presentes nas imagens selecionadas como corpus deste trabalho. Para retomar, as imagens fazem parte de uma publicação realizada no Instagram da página *Meu lar meu altar* composta por conselhos às mulheres para transformar seus lares em altares de adoração a Deus. Para isso, a publicação consta com instruções que as mulheres devem seguir e colocar em prática em suas casas. A página se denomina *cristã*, traz mentorias e aulas para mulheres e possui mais de 5 mil seguidores(as). A primeira SD (sequência discursiva) a ser analisada é introduzida pela capa da publicação:

Nessa imagem, percebemos a temática a ser abordada na publicação por meio do título que nos diz “Como transformar seu lar em um altar”. No texto escrito, as palavras *lar* e *altar* estão destacadas com tamanho e cores diferentes das outras e iguais entre si, estabelecendo uma relação. A cor rosa de “lar” e “altar” retoma uma memória que associa essa cor ao universo de “menina”, sendo uma cor considerada feminina, que marca delicadeza, doçura. Altar, no âmbito religioso cristão, possui um significado bem emblemático, representando o lugar em que se faziam sacrifícios de adoração a Deus. Esse jogo de palavras produz o sentido de que o lar seria esse lugar de sacrifícios e adoração e que o dever de estabelecer esse altar estaria a cargo da mulher, já que é um manual de instrução direcio-

nado a elas.

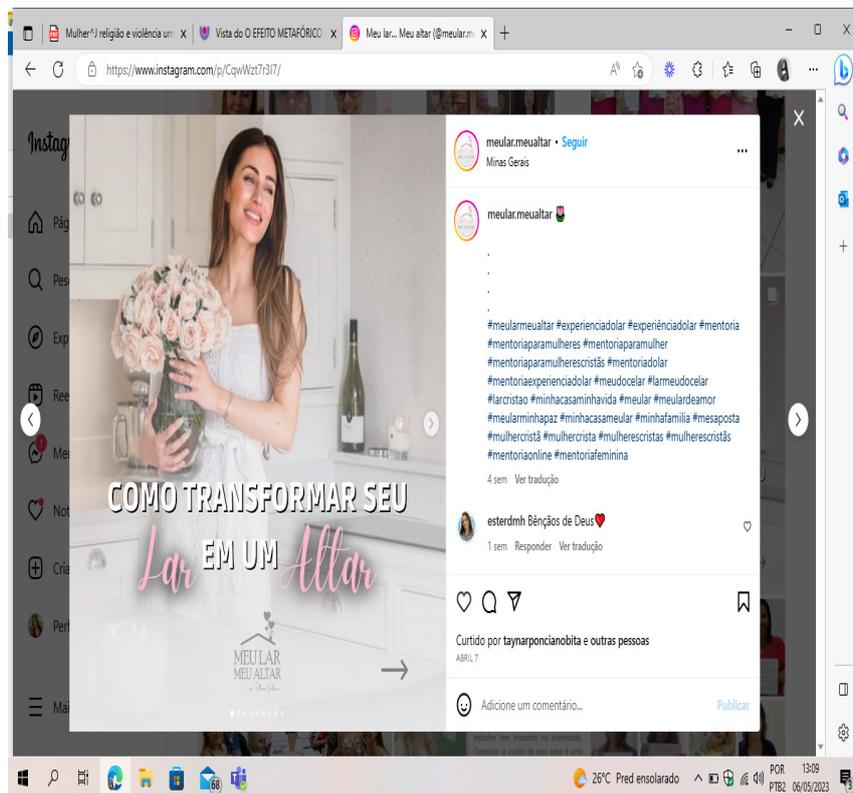
Além da escolha das palavras, é interessante observar as imagens que começam a ser introduzidas. Na capa, vemos uma mulher branca jovem, dentro dos padrões sociais de beleza, sorridente, aparentemente feliz com o que está fazendo. A cor predominante é o branco que remete a pureza e inocência e o rosa que é associado à feminilidade. De início já temos inúmeros efeitos de sentido sendo produzidos o que nos leva a questionar se de fato essas orientações serão para todas as mulheres cristãs, como a página propõe.

A partir dessa imagem, as instruções para realizar a transformação no lar começam a serem inseridas e as palavras principais encontram-se destacadas. São colocadas a encargo da mulher as funções de tratar as pessoas que moram com ela com dignidade e promover a santidade que está relacionada com a presença de Deus, isentando o marido e os filhos dessas funções. Se é obrigação da mulher tratar as pessoas com dignidade quem irá tratá-la deste mesmo modo? Só o marido e os filhos merecem respeito? E a esposa e a mãe? Indagamos.

Se levarmos em consideração o contexto de produção religioso desta publicação, percebemos que as instruções partem de uma voz divina, fazendo com que os conselhos que são apresentados ao decorrer das imagens assumam uma verdade totalitária e absoluta. É isso que deve ser feito. Qualquer atitude e querer humano que curve essa reta pré-estabelecida é tido como pecado.

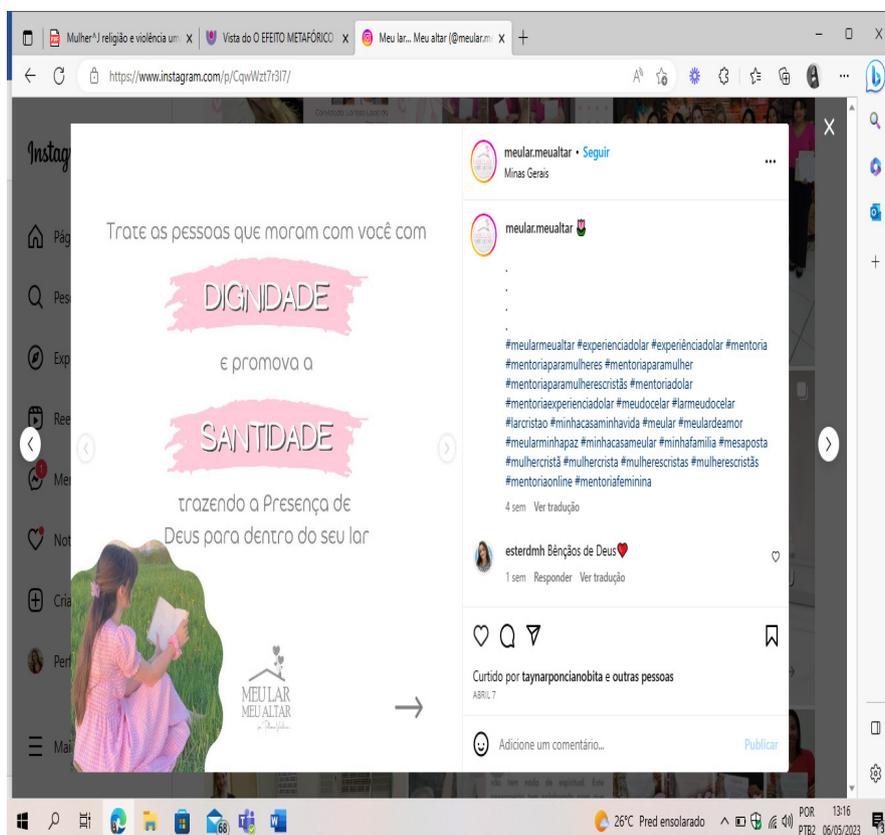
A obrigação e responsabilidade da mulher para com os afazeres domésticos é inserida na publicação ao apontar que ela deve arrumar a mesa. Sentidos a respeito da romantização da sobrecarga feminina são mobilizados, uma vez que esse trabalho está única e exclusivamente designado à mulher, desconsiderando suas outras atividades. Não é levado em consideração as diferentes mulheres que compartilham a mesma fé e têm acesso à publicação. É estabelecido um ideal feminino e comentado sobre ele.

**Figura 1: Capa**



**Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.**

**Figura 2: Dignidade e santidade**



**Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.**

Percebemos isso nas imagens que estão vinculadas ao post: mulheres sempre jovens, brancas, muito bem arrumadas, com o mesmo estilo de roupa – vestidos –, realizando atividades tidas como femininas – leitura, organização da mesa etc. – e a presença de elementos com cores claras e rosas, além de muitas flores. Isso retoma, também, a memória discursiva associada à palavra mulher que foi, e ainda é muito associada com a delicadeza, a sensibilidade e o romantismo. Como ressalta Kehl (2008,) foi a família nuclear e o lar burguês:

tributária da criação de um padrão de feminilidade que sobrevive ainda hoje, cuja principal função, como veremos, é promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar. A segunda função da feminilidade, nos moldes modernos, foi a adequação entre a mulher e o homem a partir da produção de uma posição feminina que sustentasse a virilidade do homem burguês. A adequação das mulheres a estas funções foi fruto de uma enorme produção discursiva (KEHL, 2008, p.44).

É essa produção discursiva que vemos no Manual. Há o casamento da mulher com o seu lar. Tanto que o nome do perfil é “Meu lar meu altar”, retomando, de certo modo, o dizer feminista “meu corpo, minhas regras”, mas o inscrevendo em um outro lugar. Aquele de um padrão de feminilidade cristão, uma feminilidade religiosa, cerrada no lar.

Ao apontar que a família é um talento dado por Deus para a mulher cuidar percebemos mais uma vez como o homem, nesse ambiente religioso, é isento dessa responsabilidade, a carga está toda sobre a mulher, que não terá apenas que cuidar, mas prestar contas desse cuidado. Esse discurso é vinculado a voz de Deus, reforçando a verdade dessa instrução e silenciando qualquer tentativa de questionamento e oposição a esse dizer. Tudo isso reforça a desigualdade entre homens e mulheres. Nas palavras de Kehl (2008):

Também é importante ressaltar que os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, transmitido através da educação formal, das expectativas parentais, do senso comum, da religião e da grande produção científica e filosófica da época, que determinava o que cada mulher deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher (KEHL, 2008, p.44, grifos da autora).

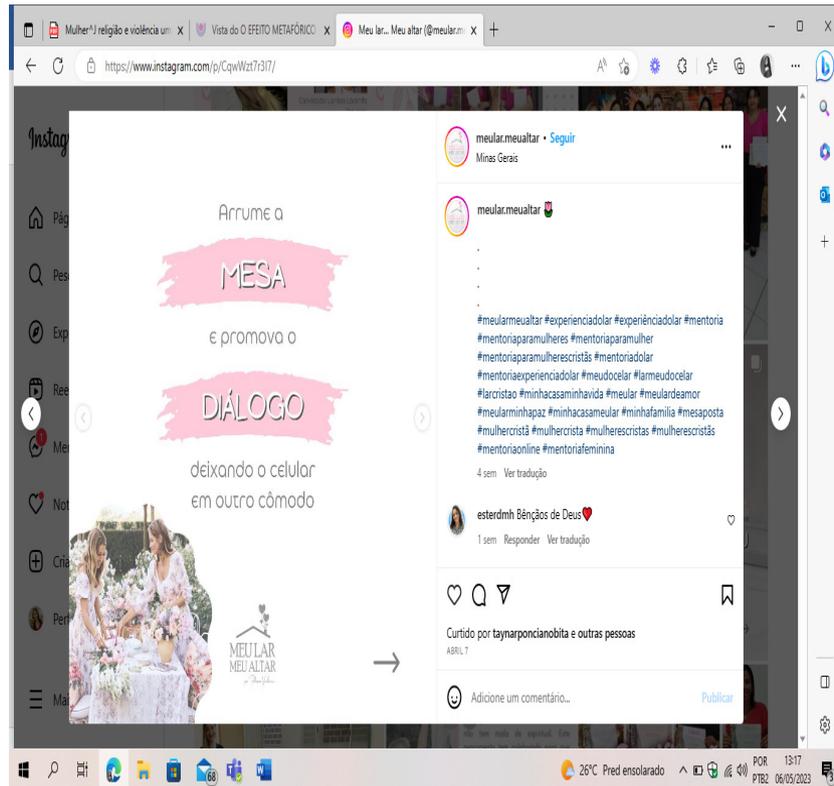
Além disso, a mulher precisa ser sempre grata, independente do que tem passado dentro da sua casa. Quando olhamos para os dados alarmantes de violência contra a mulher nos questionamos até que ponto essa gratidão tem sido eficaz. Será que isso não tem contribuído para que mulheres que enfrentam violência dentro de seus lares permaneçam caladas e não busquem ajudas em uma tentativa de “cumprir o seu papel instituído por Deus”?

Nessa sequência discursiva é inserida a imagem da mulher submissa que deve servir e honrar seu marido, estabelecendo uma posição inferior à mulher. Ao falar sobre honra é negligenciado e esquecido todo o contexto por traz desse casamento, a mulher deve honrar independente de seu marido tratá-la com respeito ou com violência. Assim como Deus, no discurso religioso, assume um papel superior e autoritário, nas casas, esse lugar é protagonizado pelo homem.

Ainda é utilizado, nessa imagem, a palavra “equilibrada” para apontar a postura que a mulher deve assumir ao honrar seu marido e cuidar de seus filhos. Sobre isso, podemos pensar na memória que essa palavra retoma. Por muito tempo quando a mulher se posicionava ela era tida como histérica e desequilibrada, sendo submetida a tratamentos invasivos com uso de medicamentos e força, abandonada em hospitais psiquiátricos precários. Desse modo, para ser equilibrada, ela precisa ser obediente, passiva, acatar as ordens, priorizar a vontade do outro em detrimento a sua própria.

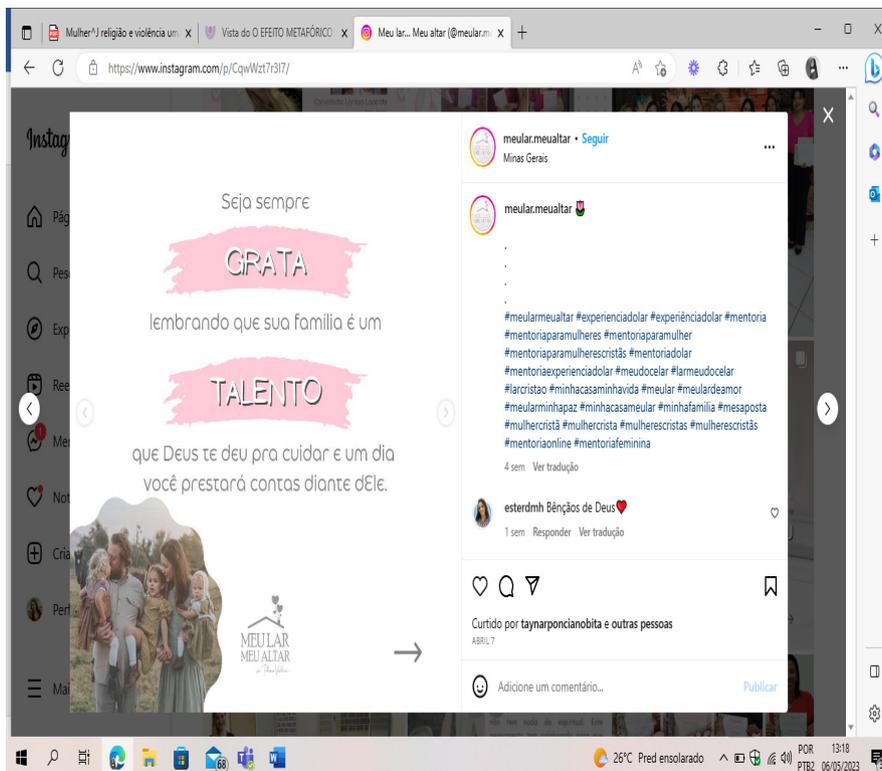
Mais uma vez, nessa SD, a mulher precisa estar como passiva para evitar conflitos. Ela pre-

### Figura 3: Mesa e diálogo



Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.

### Figura 4: Gratidão e talento



Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.

cisa entender a personalidade do outro enquanto anula a sua própria. É mantido o dizer de que a mulher precisa viver em função do marido e de seus filhos, essa deve ser a sua prioridade. É interessante observar que essas instruções são dadas a todas as mulheres, como uma lei geral, não considerando as ambições, sonhos ou particularidades de cada uma. Os sentidos que são produzidos não geram apenas a obrigatoriedade da realização dessas atividades por parte das mulheres, mas a pressão de realizar tudo isso com perfeição já que, como apontado anteriormente, ela deverá prestar contas a Deus sobre o seu desempenho.

A última sequência discursiva presente na publicação aponta alguns detalhes importantes para finalizar todas as instruções. Esses detalhes estão totalmente associados ao ambiente doméstico que estão a serviço da mulher. Ela deve então, além de tudo que já foi dito “limpar, organizar e decorar a casa, preparar uma alimentação saudável e ser hospitaleira com as visitas”. Todas as obrigações relacionadas a casa são de responsabilidade da mulher e devem ser executadas por ela para que seus lares sejam um ambiente de adoração a Deus.

Todas as SD's apresentadas estabelecem e reforçam a diferença das posições ocupadas pelas mulheres e pelos homens no ambiente religioso. Ao homem, está o lugar de poder, autoridade e liderança enquanto a mulher deve ser submissa, obediente e passiva. Esse discurso reforça o silenciamento da mulher e incentiva, acreditamos, a violência doméstica, uma vez que sem direito ao dizer, ao questionar, o silêncio de um existir para além dessa posição de lar se instaura entre flores e altar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, neste trabalho, analisar como circula um dizer sobre a posição dessa mulher na narrativa religiosa e compreender se esse contribui, de algum modo, para a perpetuação de formulações que a violentam nesse

espaço doméstico. Para isso, delimitamos como corpus de análise uma publicação no Instagram feita pela página Meu lar Meu altar em abril de 2023, que é composta por um manual de instruções com o intuito de apresentar conselhos e dicas para que as mulheres transformem os seus lares em “altares”.

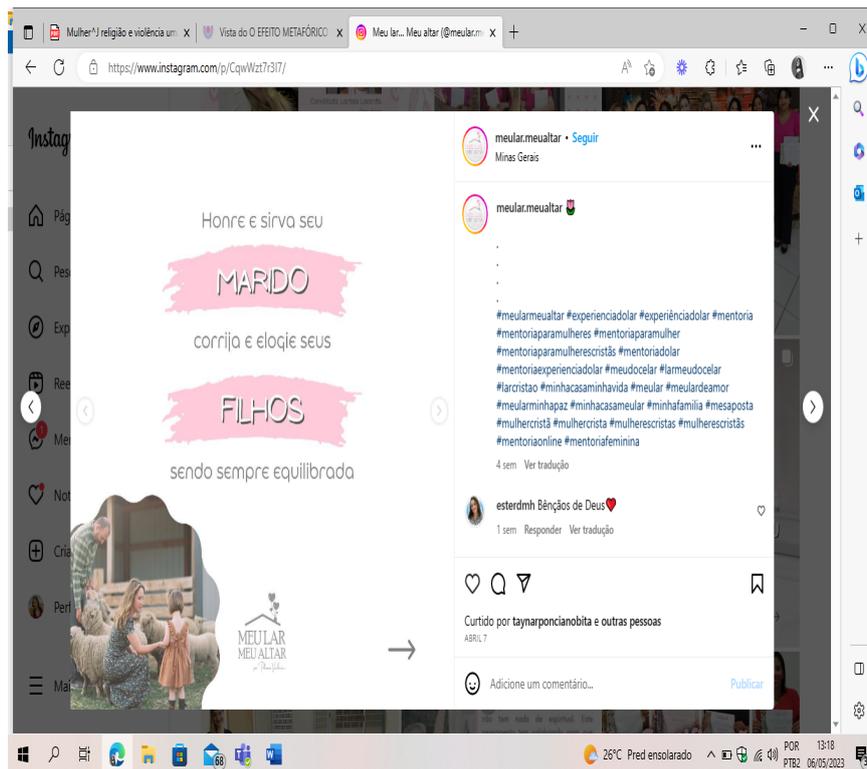
O estudo mobilizou a teoria da Análise de Discurso pecheutiana, bem como as noções de formação discursiva, condições de produção e memória discursiva a fim de responder ao seguinte questionamento: Como se formula e se constitui um dizer sobre posição que a mulher cristã deve ocupar em seu lar?

Sabemos da importância que a religião ocupa na vida dos brasileiros, ditando costumes, tradições e valores que extrapolam o ambiente das igrejas e chegam a outros campos da sociedade por meio das mídias digitais. Tendo em vista que articulamos com temáticas religiosas, vale salientar mais uma vez, que não nos ocupamos em questionar fé ou crenças individuais, mas olhar para esse discurso religioso que compõe o corpus da nossa análise, a partir da AD, pensando nos atravessamentos ideológicos produzidas e nos efeitos de sentidos que o perpassam.

As sequências discursivas analisadas sustentaram a diferença de posições que devem ser ocupadas pelas mulheres e pelos homens em seus lares. O trabalho doméstico, o cuidado da casa, do marido e dos filhos é designado como atividade exclusiva das mulheres. A responsabilidade para com a organização e até mesmo a “santificação” da casa é dita como função da mulher. Além disso, ao falar sobre honra e respeito, as SDs colocam a mulher em uma posição inferior ao homem, ela está como submissa e deve ser obediente, enquanto ele está na liderança e ausente das atividades domésticas.

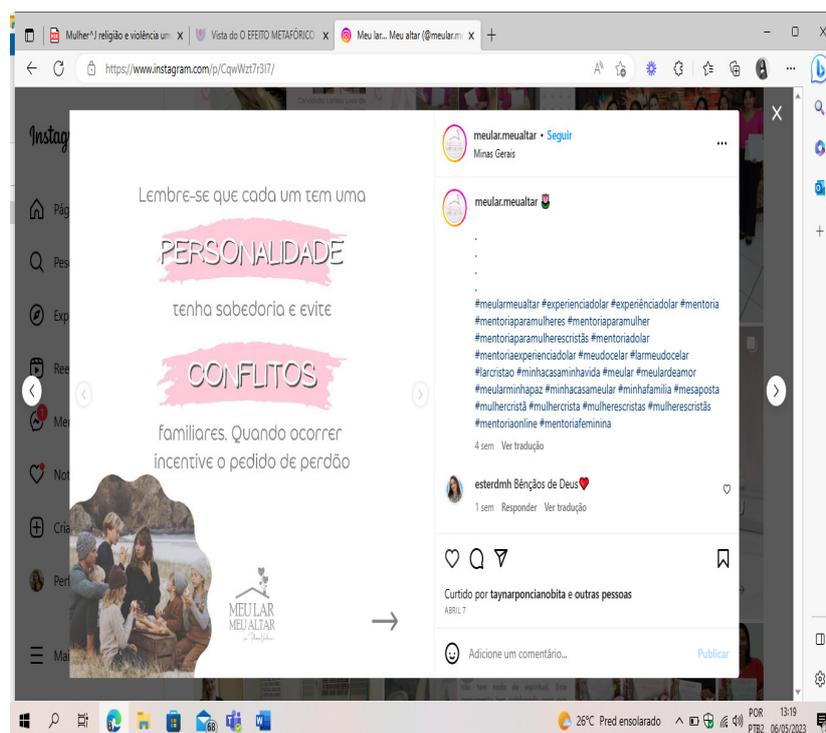
Além disso, por meio das imagens selecionadas, as SDs estabelecem um padrão de mulher cristã, sendo ela jovem, alegre, delicada, seguindo expectativas estabelecidas socialmente como comportamentos femininos. O efeito de sentido produzido é de que qualquer mulher

**Figura 5: Marido e filhos**



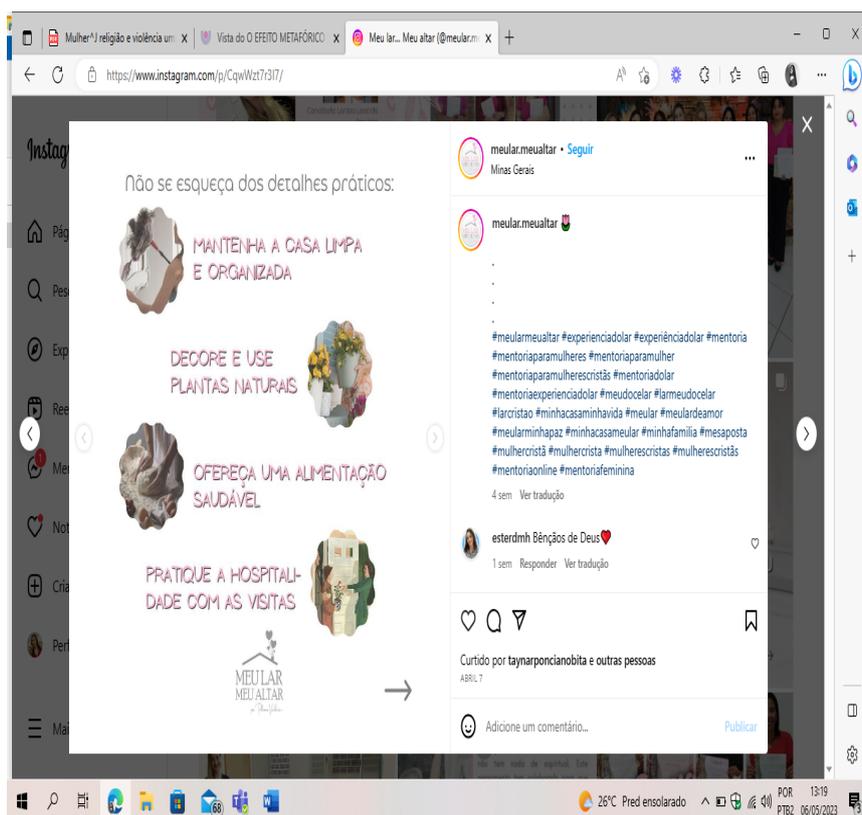
**Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.**

**Figura 6: Personalidade e conflitos**



**Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.**

**Figura 7: Últimos detalhes**



**Fonte: página Meu lar Meu altar, 2023.**

que desvie dessa expectativa não está cumprindo sua posição e nem exercendo a sua função como mulher cristã.

O veículo produtor e propagador desse dizer é o ambiente religioso, sendo assim essas formulações são associadas a voz de Deus. Por isso, a imposição desses deveres a serem realizados pelas mulheres possuem um peso maior e estão, de certa forma, impedindo questionamentos, impondo verdades absolutas que não podem ser questionadas ou descumpridas, já que estão vinculadas a uma ordem divina.

As sequências discursivas, ao delimitar o espaço doméstico as mulheres, as limitam de ocupar outros ambientes como o universitário, executivo, político etc. Além disso, percebemos a violência perpassando esses dizeres ao impor que a mulher deve sempre respeitar e honrar o seu marido independente da situação e tratar tudo com “equilíbrio” sendo, muitas vezes, silenciada.

Assim, faz-se necessário discutir sobre essas temáticas uma vez que a religião é tão presente e significativa da vida dos brasileiros e os índices de violência doméstica e feminicídios aumentam cada vez mais. Fazer com que essas temáticas circulem na sociedade torna-se importante para aumentar as discussões e contribuir para que a violência contra a mulher diminua ao ponto em que ela consiga perceber novas possibilidades e lugares que podem ser ocupados além do seu “lar” e do seu “altar”.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Denise de Souza. Igrejas de frente com Gabi: uma análise do discurso religioso midiatisado. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2017.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guarcira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes editores, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Palavra, fé, poder. Campinas: Pontes editores, 1987.

TOLDY, Teresa Martinho; SANTOS, Ana Cristina. Religião, gênero e cidadania sexual: uma introdução. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 110, set. 2016. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2182-74352016000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt?script=sci\\_arttext&pid=S2182-74352016000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-74352016000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt?script=sci_arttext&pid=S2182-74352016000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30 maio 2022.

VILHENA, Valéria Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, São Paulo, v. 9, ago. 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603\\_ARQUIVO\\_ValeriaCristinaVilhena.pdf?msclkid=e01cfe8bc24511e-cb2a6730fc50e1b39](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf?msclkid=e01cfe8bc24511e-cb2a6730fc50e1b39). Acesso em: 22 de abril de 2022.

**Submissão: maio de 2023.**

**Aceite: maio de 2023**